



AVENÇA

Os caluniadores
são como o fogo,
que enegrece
a madeira verde
sem a poder quei-
mar.

Voltaire

ANO VI — N.º 146
DEZEMBRO

15
1957

Saudação do Natal



Na hora de fraternidade e solidariedade humana que se aproxima sentimo-nos dominar por uma profunda sensação de ternura e carinho a que a mística Cristã, emprestou um calmo prestígio de bondade universal.

Parce que o tumulto das paixões entre os homens e as Nações, a agressividade dos ânimos, a exaltação do ódio, do medo, da inveja, da intriga e da maldade, se acalma, em reverente homenagem à grandiosidade da Hora que a humanidade celebra e glorifica.

Há como que uma alacranagem, uma sedação ou torpor, nascida de um embreveimento mundial, que faz retardar, por alguns dias, as manifestações ou intensões violentas, provocadoras ou agressivas, para dar lugar a uma espontaneidade de generosa benevolência, de tolerância ou indulgência que propicia um melhor entendimento de amizade, de harmonia, de fraternidade e estima humanas.

Parce-nos até que se avivam saudades, que se recordam com mais suavidade amigos e familiares ausentes, que nos domina um espírito de comunhão espiritual tendente à evocação afectuosa de todos como parentes, como irmãos, como se houvesse um vínculo, um elo de ligação comum indissoluvel.

R. P.

Casa do Algarve

Mocidade Portuguesa

FEMININA

Avisam-se os interessados, de que todas as alunas do ensino particular individual e doméstico, que pretendam fazer exames de Admissão ao Liceu ou Escola Técnica, deverão inscrever-se na respectiva Sub-delegacia Regional da M. P. F. até fins de Dezembro, sem a qual não lhes poderá ser passada a declaração para efeitos dos referidos exames.

Colonos para Angola

Durante o primeiro semestre do ano corrente desembarcaram em Angola 1.209 colonos, ficando 663 em Luanda, 190 no Lobito e 356 em Moçâmedes. 515 eram do sexo masculino e 694 do feminino. Por idades, 586 tinham menos de 14 anos, 154 entre 14 e 21 e 469 mais de 21 anos.

Estes números confirmam o povoamento do Ultramar, através duma forte corrente de colonos necessitados, que ali vão desenvolver o progresso e melhorar as suas condições de vida.

Também na mesma Casa Regional se prepara a tradicional festa da «Passagem de Ano» que mais uma vez promete revestir-se do brilhantismo dos anos anteriores.

Como nos anos anteriores, a Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, distribuirá o habitual Auxílio do Natal, pelo maior número possível de algarvios necessitados, residentes em Lisboa. Para o efeito está aberta uma subscrição cujos donativos atingem já mais de seis mil escudos.

O júri do certame filatélico, primeira exposição de filatelia temática escutista realizada no nosso País, composta pelos srs. Dr. Reinaldo Raúl Prazeres, Júlio Mendes e Emílio Diogo Costa, atribuiu o 1.º prémio, medalha de vermeil, à coleção n.º 4, do sr. José Manuel Pereira, de Vila Real de Santo António, o 2.º à coleção n.º 3, do sr. José Manuel Miranda Melo, de Lisboa, medalha de prata, o 3.º, medalha de cobre, à coleção n.º 1, do sr. Joaquim Soares, de Castro Marim, e o 4.º menção honrosa, à coleção n.º 2, do sr. José Eduard Pena Ribeiro, de Lisboa.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

ABERTURA

Diz a locutora de serviço, D. Salsa Cidla, que vai começar mais um programa de televisão, radiofundido dos estúdios de Lisboa e diretamente transmitido para os tele-spectadores louletanos.

... E nós acreditamos!

ROTEIRO

Estas imagens foram televisadas ao meio dia. Ousamos dar esta desnecessária explicação, porque as imagens são mais claras do que as normais: E a propósito de claridade, encontramo-nos num dos modernos bairros da capital: o de Alvalade. Um

UM PROGRAMA DE EMÍLIO VALONGO

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

bairro luxuoso, bem instalado, muito arejado e aprecível, com os seus edifícios gigantescos pintados com a celebríssima Roooo... bialac, e rodeados por inúmeros canteiros floridos diariamente tratados e regados pela tesoura pela mangueira.

Afinal, isto nada tem de claridade. Toda a gente viu já o moderníssimo bairro de Alvalade, mas não conhecem os «gallineiros»... e são precisamente os ditos gallineiros a que estas imagens se referem.

Há duas categorias: os gallineiros com água quente e os gallineiros com água fria. Os da

(Continuação na 4.ª página)

10 DEZ 1957

ANO I
N.º 22
15 DEZEMBRO
1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

Fala-se de Teatro

Comentário a um Comentário

por FERNANDO MIDÓES

É já muito comum falar-se em crise do Teatro em Portugal. Para um conhecedor das coisas da Arte, mas alheio ao nosso panorama de Arte e Cultura, a simples afirmativa crise será motivo de registo na medida em que, só há progresso — passe o termo — artístico, numa ambigüidade de crise, ou seja, no fazer ruir dos elementos atingidos pela senilidade dos academismos, substituindo-se por outros novos, ou na fusão de novas fontes com aquelas outras já antigas mas que ainda não estão secas da seiva estética e humana que é condimento da obra de Arte. Mas, se o nosso hipotético conhecedor das coisas da Arte e Cultura mergulhar na estagnação, no provincialismo, na falta de honestidade e até virilidade, no insincerismo das nossas vivências no plano Cultura-Arte, concluirá que não há um estado de crise mas sim um estado de coma, que, onde julgará encontrar um ponto, parte de novas luzes, novos caminhos, encontra a lenta agonia que precede a morte e um inevitável cortejo de gatos pingados cumprindo com velado sadismo o seu trágico ritual.

Se focarmos o problema para a zona cénica, veremos que a questão se torna duma acuidade desesperada. Já não há público (nem sequer por simples snobismo); já não há escolha de peças (e há todo um repertório nosso e alheio, de ontem e de hoje, que nos condenam a conhecer através do livro quando o Teatro é palco); já não há entusiasmo pelo estudo (que, pese embora à opinião de muitos, a inspiração dos deuses benévolamente reflectida sobre nós, não chega); já não há direcção (sobejam os dedos duma só mão para as exceções); já não há espírito de conjunto e trabalho de anos mas improvisação desonesta e esbracejar individual para as girândolas fáceis dum resto de público mentecapto que só ama no Teatro frequentar camarins, ou mais concretamente, as horas da noite que se seguem aos camarins; já não há uma crítica robusta que jute, edue e critique (uma ou duas abencerragens remam ainda contra a maré); já não há cenaristas, decoradores, contra-regras, etc., etc., etc.; já não há onde representar...

Já não há onde representar! Enquanto por toda a parte se erguem locais cénicos, quer de sala quer de ar livre, entre nós não se derrubando os poucos que há ou cedendo à exploração cinematográfica! Em Lisboa, nos últimos dez anos, ergueu-se sómente um Teatro, que, insolitamente, apresenta as novidades de arquitetura teatral de há quase meio século, e o Teatrinho do Palácio Foz, remodelado, servindo para recitais, música, cinema, mas sem condições técnicas para a mais leve representação teatral. Apegados a um conceito duzentos por cento materialista de vestimento de capitais, não há quem arrisque o simples traçar no papel duma sala. Caiu o Apolo, como outros já cairão, e como a promessa da urbanização de Lisboa nos afirma que em breve outros cairão. Está certo. Porquê caixas de sapatos a servirem de salas de espectáculos? Mas, a substituir-lhos, o que surge? — A vaga promessa duma sala no plano do Palácio da Cidade. Chega? Mas, certamente, deixemos o pessimismo. Pois se Lisboa ainda só ronda o milhão de habitantes!

Para quando o fim da legislação fossilizada que só permite o funcionamento de teatros em edifícios estritamente a esse fim destinados? O sr. Secretário Nacional da Informação já prometeu ocupar-se do assunto, mas até lá, nos prédios novos, só podemos ver exposições de automóveis ou desembolsar os centavos da «bíbica» diária. Por toda a parte se aceitou o funcionamento teatral em prédios de rendimento na medida em que desapareceram, ou foram reduzidos, os motivos que a tal obstavam, mas o nosso burocratismo legal ainda se não convenceu do mesmo.

É «documento elucidativo» o «Comentário de Teatro» de Redondo Júnior no Século Ilustrado de 14 de Setembro último. Foi ele que motivou o nosso comentário. Há que reagir porque, se um dia Pessoa afirmou, num arroubo crítico, que tínhamos «ideias gregas e ruínas romanas», amanhã alguém terá que afirmar que nós nem ruínas deixámos.

Só a falta de espaço nos obriga a não fazer minucioso comentário ao comentário de Redondo Júnior. Sobre ele prometemos em breve escrever.

A fechar, as palavras de Louis Jouvet acerca do espaço cénico, retiradas do fascículo quinto de Teatro Moderno de Luís Francisco Rebelo, obra que ainda não vimos aplaudida como é de elementar justiça, o que não admira, num meio onde impera o onanismo intelectual de trés ou quatro monstros sagrados e a preocupação de prostituir um público ingênuo e desorientado através das receitas mais grosseiramente pornográficas ou caducas, falhas de significado nos nossos dias: «Na «ressurreição» de uma estética dramática, o verbo pode desorientar-nos, mas não o edifício — que nos diz, estreita e integralmente, o que tem para nos dizer. Eis porque sonho às vezes que a exemplo de Cuvier, um dia poderei estudar a arte do teatro a partir da sua arquitetura, reconhecer a função esquiliana grácia ao esqueleto de Diôniso ou de Epídauro, e de Shakespeare através dos restos desse animal desaparecido que era o Teatro do Globo, a de Molière nesse Versailles em que foi representado — em resumo, fazer brotar de uma pedra como de uma vértebra o corpo vivo de um mistério passado».

Setembro de 1957

FERNANDO MIDÓES

Rua Única

Rua única. Proibida
Violada
Desflorada
Como as demais.
Sem um sinal
De ternura
Sem uma ponta
De cais.

Rua Única... Não. Rua da Vida
Do amor que me nega.

Angra, 2-8-57

ALMEIDA FIRMINO

do livro «A Saudade Divina»

Impressões de leitura...

«O FIM DA NOITE», de François Mauriac

Sem dúvida esta Teresa Desqueyroux, embora ligada à outra do romance do mesmo nome (ela própria, outro aspecto da sua vida), tem vida própria como personagem neste belo romance que é «O fim da noite». Por isso mesmo, e o próprio autor o confessa no prefácio deste volume, não é necessário ter conhecido a primetra Teresa para nos interessarmos por aquela de quem narro aqui o derradeiro amor. Assim é, o que, no entanto, não obste a que nos interessemos, depois de termos lido este fim de uma mulher que amou, pela releitura da sua juventude, dos seus erros, da sua obscuridão, do seu viver.

E a história de uma mulher na curva última da vida, uma mulher doente, mas que precisa de amar ainda; de amar e de compreender, e à volta desta dualidade de desenvolver o fio de meada, com aquela subtil simplicidade que Mauriac dá às suas obras. «O fim da noite», escrito há mais de vinte anos, é o último romance publicado de Mauriac, Nobel de Literatura. Dir-se-ia que o Autor pretendeu terminar a sua obra romanesca com a mesma ambigüidade com que terminou a vida romanesca dessa sua Teresa: em amor — fim. No entanto desmentindo-a a sua vivacidade intelectual, que, depois de 35, continuou a ser, embora por diferentes caminhos: o seu Journal aí está a prová-lo.

C. B.



UM
POETA
de vez
em quando

ORLANDO DA COSTA, publicou em Lisboa (1951) o seu primeiro livro «A ESTRADA E A VOZ» a que se seguiu «OS OLHOS SEM FRONTEIRA» (1953) que a crítica acha com uma certeza confirmada na poesia e em 1955 — o seu (MALOGRADO +) como ele escreve — «SETE ODES DO CANTO COMUM», todos incluídos na coleção cancionário Geral.

Nascido em Lourenço Marques, filho de pais indianos, foi educado em Goa donde saiu aos dezoito anos, formando-se na Faculdade de Letras de Lisboa, em História e Filosofia.

Numa época caracterizada de gélido individualismo, homenagear nesta página de gente nova, um novo que alarga os olhos pelo mundo dos seus irmãos, ignorando fronteiras e desenhando um abraço redondo e quente pela terra de cardos e aves feridas, é saudar todos os que de consciência esclarecida e audácia na voz, procuraram em beleza o voo alto duma liberdade mil vezes ensaiada e prometida, mil vezes fracassada.

É saudar todos os famintos duma integração paternal e essencialmente humana, é saudar todos os que, como ORLANDO DA COSTA, deram à poesia uma missão social que é também religiosa e actuante.

M. R. C.

BAPTISMO

11 DE NOVEMBRO

Aí fomos homens que a estrada juntou

Pelo passo que demos e não recuou
Chegou por nós a luta
Chegou por nós a dor
Fizemo-nos irmãos
E m punhos e suor.

Aí fomos homens que a vida gritou

Pelo canto que erguemos e não calou
chegaremos bravios
Ao encontro dos povos
chegaremos como ventos e alvorada
Juntando aos rios
As pedras da estrada.

Homens que a estrada baptisou.

Do Livro «E A ESTRADA E A VOZ».

Para que o amor ainda reste
Entre os cantos decepados
Da manhã que persistimos em cantar

O chão da nossa seiva é mesmo este.

Este em que só alvoradas de fome
Alastam do fogo das enxadas
Passos de seara por ódios sombrios.

Para que a beleza saia suada das mãos
E nos olhos simplesmente abra
Um destino alegre de rios.

O chão da nossa seiva é mesmo este.

O chão em que até a primavera é agreste
E donde é triste o voo das aves
Entre nós e o silêncio descarnado das grades.

Do Livro: «OS OLHOS SEM FRONTEIRA»

OS ARLEQUINS

a PABLO PICASSO

Vêm nas tardes vazias e suaves
De corpos desfeitos em cor e angústia
E semeliam pela tristeza impossível
Malmequeres, luar, cravos

Desesperado
Um pássaro canta lhe nos dedos
A eterna canção
E nos seus lábios rasgados
Amanhecem-lhes lágrimas, sangue.

São os poetas das noites claras e das flores
Os mensageiros dos sonhos frustrados

Têm uma estrela
Mas nunca a souberam.

Coimbra

RUI MENDES

Inventário filmográfico

Demónio Dourado

filme japonês de Koji Shima

A nova temporada de cinema começou para nós, aqui no Porto, com o filme japonês «Demónio Dourado». Do Japão sabemos o que todos sabem — Hiroshima e Nagasaki, gueishas e Madame Butterfly, Venceslau de Moraes e Lafcadio Hearn, haka-kiri e rostos patibulares dos «hollywoodenses» filmes de guerra.

Não sabemos nada, portanto. Ora este filme não nos ajuda muito a conhecer o Japão. Eles, pois, uma primeira limitação. É claro que não pretendemos reivindicar para o cinema funcções de folclore, ou de cartaz de turismo. Todavia, para nós, um filme japonês que equacionasse uma problemática especificamente nacional teria um interesse que este filme baseado numa história melodramática e convencional não possui. Dissemos — uma história melodramática e convencional. No entanto, quem desconhece inteiramente a literatura do Japão, come inserir as suas coordenadas, aquilo que se melodramático e folhetino existe nesta história de amores mal sucedidos. Será na verdade melodramática esta história — melodramática em relação à literatura e ao estilo de vida japoneses? Que resposta quem souber. Dissemos — história melodramática e convencional. No entanto, e pelas mesmas razões, será convencional esta história, e a maneira como foi traduzida cinematográficamente? Em arte, pensamos nós, convencionais são as coisas que não funcionam em termos de humanidade. Até que ponto não tem esta história, aparentemente banal e dada em termos esteriotipados, um conteúdo humanístico, uma authenticidade e uma verdade que superam as fraquezas do argumento e as facilidades da encenação?

Até que ponto não correspondem, resumindo, o melodramatismo e o convencionalismo deste filme, a uma tomada de consciência, à luta por uma posição inconformista? Não sabemos que responder. Lembramos apenas a cena da praia e chamamos a atenção para as palavras de despedida do moço apaixonado: «Vou-me embora. Vou deixar os seres humanos». Elas algo que não se espera. E que significa, na verdade, essa aparente desistência? O moço suicidar-se-á? Ingerir-se-á num convento? Irá para uma guerra qualquer? Nada disso. Simplesmente, transformar-se-á num usúario, vingar-se-á do poder do dinheiro, dominando-o, à custa do sacrifício das suas convicções. E a solução que essa atitude desesperada não trouxe, só chegaria com a perda de tudo e o regresso a uma visão humana e compreensiva da vida. Assim o filme aflora alguns problemas que, sendo, talvez, mesquinhos e parecendo-nos absurdos, são ainda dos nossos dias: a agiotagem levada às últimas consequências, o desprezo pelos sentimentos alheios, as imposições a favor de vagas considerações humanitárias, o mal-estar da vida familiar. E não se diga que o filme termina mal — porque acaba bem. Há evidentemente uma lição a tirar — uma lição que por ser de esperança merece ser atendida.

Onde o filme me pareceu bastante convencional foi na parte estilística. Querer fazer bonito em cinema resulta quase sempre em pintura mediocre e mesmo em imagem de bilhete postal. Infeliz também o recurso a uma simbologia convencional: a luta que se esconde, um corvo que esvoaça, pombras que levantam voo. Aquela sucessão de motivos musicais nipônicos e ocidentais (que, aliás, não é gratuito), aquela asfixia dos diálogos a dar à obra características teatrais, igualmente nos pareceram mal.

Tudo isso, porém, não invalida o que gostaríamos de demonstrar — que se trata de um filme que vale a pena ver, cheio de coisas realmente belas.

CARLOS PORTO

Interrogação



linóleo de Esperança Araujo



Sábios os meus olhos
Sábios teus desejos

Quem sabe se da música do teu corpo
E da incerteza das minhas mãos
Não haverá um poema de carne e terra
Para construir?

FERNANDO MIDÓES

Noticiário «Prisma»

*** O escritor Manuel Ferreira informa-nos que vai fazer editar «TEXTOS ULTRAMARINOS», uma nova Coleção que incluirá obras de prosadores e poetas do Ultramar Português, bem como obras de autores nascidos na Metrópole mas que se fundamente na realidade ultramarina. Todos os assuntos referentes a esta nova Coleção (pedidos de assinatura, esclarecimentos, etc) poderão ser endereçados para: Manuel Ferreira, R. da Electricidade, 53 — Caldas da Rainha.

*** Serão brevemente publicados, segundo informação dos próprios autores, os seguintes livros: «A Saudade Dividida», poemas, de Almeida Firmino; «O Gesto Suspensor», poemas, de Orlando Neves; «Histórias da Solidão e das Estrelas», de Maria Rosa Colaço; «Sapateiros», romance de A. Vivente Campinas; também o Carlos Alberto Jordão e o Eduardo Olímpio se preparam para publicar os seus livros.

*** «Depoimento sobre Cinema» é o nome do livro que Baptista Bastos, jovem cronista cinematográfico do «Século Ilustrado», vai publicar brevemente. Este livro, aguardado com expectativa, dá-nos, além de várias críticas, um largo ensaio sobre o cinema português: CRISE DA HONESTIDADE, um ensaio sobre o desenho animado particularmente sobre Stephen Busustow e apresenta ainda, com largos comentários, uma Galeria de realizadores dos mais representativos.

*** A Editorial Estúdios Côte acaba de distribuir o 5.º fascículo da sua monumental publicação, O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES. Colaboram nesta grandiosa obra os maiores valores da nossa literatura, como tradutores, e da nossa pintura, como ilustradores. Recomendamos esta obra incomparável a todos os interessados pela formação de uma Biblioteca Clássica, onde uma obra desta natureza, não deve faltar.

*** O orientador desta página, informa que o seu livro, «Poemas da Solidão Imperfeita», será publicado ainda este mês, pelo que os interessados no seu Livro Negro poderão dirigir-se-lhe por carta. Entretanto trabalha na preparação de mais dois livros, «Raio de Vida» contos algarvios e «O Punhal Clandestino», poemas agrestes.

«Loulé... em retrato»

Nesta quadra festiva do ano, fica bem uma palavra de gratidão amiga e bem sincera a todos os leitores que se interessam por esta tribuna, de onde temos procurado criticar com elevação e acentuado amor por Loulé, aquilo que entendemos corresponder a um melhoramento público, a uma elevação de princípios ou a uma melhoria no nível moral ou cultural do nosso concelho.

Essa palavra amiga, que representa na validade os mais vivos desejos de um Natal Feliz e de um Ano Novo cheio de alegria e prosperidades, endereçamo-la a todos que nos lêem.

Louletanos ou simples amigos, mourejando pelo País, pelo Ultramar por terras estrangeiras, mais próximas ou mais longínquas, que este eco chegue até vós, o que nesta vulgar expressão de «Boas Festas» seja o abraço paterno e afectuoso de quem ao pegar na pena, todas as semanas, vos traz no coração e no pensamento!

E até para aqueles que nos lêem com despeito, aborrecimento, desprezo ou ódio, áqueles para quem a nossa prosa pode ser apenas objecto de curiosidade doentia, ainda para esses: os nossos melhores desejos de Boas Festas.

E vulgar aos domingos, juntar-se no «Hall» do Teatro, muita gente para a aquisição e levantamento de bilhetes.

Raparigas, rapazes, senhoras e senhores que procuram obter o indispensável cartão de apresentação ao portefeuille, para apreciar com aprazimento espiritual o filme que representa o prémio de compensação de uma semana de trabalho.

Mas essa corrida à bilheteira é feita muito tumultuosamente, na generalidade, sem a assistência de autoridade que imponha uma certa regra ou ordem.

Daqui resulta que há pessoas egoistas — não queria dizer mal educadas — que tendem em pouca conta o respeito pelos outros, chegam atrasadas e a título de falarem com outras, sob qualquer desculpa e até algumas sem desculpa alguma, ultrapassou o seu lugar e vão avançando descaradamente, não respeitando aqueles que, mais conscientes dos seus deveres, vão ficando prejudicados ou, áqueles que, por uma questão de educação não se atrevem a levantar protestos.

Há ainda outra modalidade que carece de correção e é a daqueles que vendem na bicha uma pessoa amiga ou conhecida lhe pedem: — Compre-me dois para mim! — Compre-me três para F.....!

E, não raro sucede, que senho-

ras e senhores que estiveram paciente e ordeiramente na bicha, quando chega a sua vez, bem ganha e decentemente conquistada, se tem de resignar a ouvir: Já não há bilhetes!

Ora isto não pode ser! Onde há bicha, tem de haver polícia, senão de nada serve constituir aquela, pois os direitos de vez que a mesma confere, são inutilizados por aqueles que não respeitam qualquer direito e não sabem o que são deveres.

Prestes vai abrir um café novo. Esperemos que isto seja sinal de melhoria na actividade.

Talvez que este facto contribua para melhorar todos os outros. As vezes temos necessidade de ser pisados, para reconhecermos que temos calos. Já não é de hoje, nem de ontem que umas instalações novas se abrem para se promover e conseguir o melhoramento de cutas.

E também já é caso assente que, muitas vezes, não é o que se julga melhor, o que consegue reabilitar-se e vingar.

Afinal este «Loulé... em retrato», tem dado muito que falar. Uns a favor... outros contra. Mas, nós nunca pensámos que esta secção tivesse merecido tanto interesse...

O certo é que, quando se descreve qualquer acto que precise de ser apontado, logo se comenta: — Está a pedir; Loulé... em retrato!

Agora e até, sem pagar direitos de autor há o «Quarteira... em retrato».

Reporter X

**Para os seus SEGUROS
consulte**

Manuel de Sousa Pedro

»

SEGUROS em todos os ramos

Largo Dr. Bernardo Lopes

LOULÉ

**Panelas de Pressão
a prestações mensais,
desde Esc. 14\$00
só no**

**Centro Comercial de Re-
presentações e Informações**

Rua da Carreira, n.º 5

LOULÉ — Telef. 277

Dr. Teodoro de Sousa Pedro

CLÍNICA GERAL

Consultas:

Casa de Saúde «Dr. António Frade»

das 15 às 18 horas

Telefone 52

Residência: RUA 5 DE OUTUBRO, 67 — Telef. 196

LOULÉ

Transportes de Carga Louletana, L.

**Largo Tenente abe-
çadas — Telef. 30 e 17**

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24 D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

**em banheiras, louças sanitárias
e outras**

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Azulejos brancos a \$85

JOÃO DE OLIVEIRA

Av. Marçal Pacheco — Loulé

Possibilidades Turísticas algarvias

(Continuação da 1.ª página)

la Real de Santo António — Monte Gordo, não só pelo movimento internacional, como também pelo centro mundano de verão em que aquela praia, desde há muito se vem transformando. Sobretudo com a criação do Parque Campestre — assumo a que nos referimos numas das nossas próximas crónicas, a Vila Pombalina, viu impulsionado grandemente não só o gosto para a prática daquele desporto, praticado também com fins turísticos, mas também a «invasão» de campistas nacionais e estrangeiros.

Em plena serra, encontramos nesse maravilhoso cenário, que é a região do Alportel, a Pousada de S. Brás — excelente local para umas férias confortantes, num pleno contacto, com a natureza. Loulével é a atitude do S. N. I. ao erguer tão acolhedor edifício.

Reservámos para o final a observação aquilo a que chamamos o «caso de Quarteira». Concededores das boas condições de acesso, clima, panorama, etc., confrangem-nos que tão concorrida praia, não disponha dum organismo hoteleiro mais eficiente, que a sua frequência tão claramente tem justificado. Num dos últimos números da «Voz de Loulé», foi ventilada a hipótese da construção dum hotel, bem como da abertura da subscrição de accésos. Mas o assunto, merece bem mais atenção, do que a limitação de hipóteses, e a ele, bem como a outros pontos de interesse, acrescentamos de «grande interesse», para o progresso de Quarteira, se tem referido R. P., com espírito crítico construtivo e visão clara do problema.

Só com boas condições de hospedagem, se pode pensar em turismo, desde que se pretenda realizar turismo sério e eficientemente orientado.

Condições não nos faltam. Resta saber aproveitar tais condições.

J. L.

ALUGA a dias ou a meses o CENTRO COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES e INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 — LOULÉ

Máquinas de Escrever

ALUGA a dias ou a meses o CENTRO COMERCIAL DE REPRESENTAÇÕES e INFORMAÇÕES.

Rua da Carreira, n.º 5 — LOULÉ

Palha enfardada

Vendem-se 600 fardos, em Vale Luis Netos, próximo de Vale da Rosa (Barraço do Velho).

Tratar com M. M. Pires — Ameixial — Algarve.

QUARTEIRA...

a nossa praia

(Continuação da 1.ª página)

dos automobilistas e à febre dos velocipedistas com ou sem motor e não haja uma rua, recinto, ou passeio onde as crianças possam brincar, saltar e pular, quando a Praia na parte da tarde, especialmente, está ventosa ou pouco convidativa?

Ora o passeio, largo ou Praça que o Projecto de Urbanização apresenta, visa essencialmente obviar-se a esse insuperável inconveniente.

A parte norte desse largo, que seria constituído pela frontaria do casino viriam desembocar as estradas e ruas de ligação de todo o trânsito automóvel e ficaria completamente liberta a parte da praia, para o fim a que se destina: proporcionar sossego, comodidade e segurança a quem procura a praia para estar nela e não para apreciar marcas de automóveis ou habilidades de motoristas e corredores.

Nesse largo ou praça, ajardinado ou não, se construiriam então esplanadas de cafés, aproveitando passeios, fazendo ali sala de reunião e convívio dos banhistas da Praia de Quarteira.

E isto está tão naturalmente indicado que tudo nos propicia a configuração do actual recinto de bailes com a sua localização central em face da Praia.

O que ali está feito, nada vale como construção e afora dois ou três prédios, cuja expropriação não será difícil, parece-nos que vale bem a pena como elemento exclusivo de facultar o desafogo, cuja falta hoje se nota e só pode vir a agravar-se com o tempo.

Se não houver dinheiro para a expropriação que se deixem esses prédios isolados, porque, ao fim e ao cabo eles acabarão por sair.

Mas que se vá aumentar o valor do actual recinto de diversos com novos melhoramentos e construções é que consideramos mais uma afronta ao progresso de Quarteira, cortando-lhe a única e exclusiva possibilidade de ser uma praia, como pretendemos que seja... a nossa Praia.

R. P.

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente, 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

— — — — —

Mutualidade Popular

Associação de Socorros Mútuos para Legados de Sobrevivência com sede em Faro.

Perante a Direcção da Mutualidade Popular, Associação de Socorros Mútuos, com sede em Faro, correm editos de trinta dias a contar da data da segunda publicação deste anúncio, para habilitação dos herdeiros ao legado deixado pelo sócio n.º 1.820, sr. AMADEU QUINTINO, que foi Farmacêutico, natural da freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé, residente em Salir, onde faleceu no dia 12 de Novembro de 1957.

São por este meio convidados todos os interessados a requerer dentro do prazo designado, o que julgarem do seu legítimo direito.

Faro, 2 de Dezembro de 1957.

A DIRECÇÃO

O PNEU que mais barato lhe sai por Km. é o da MABOR General

Agente em LOULÉ

Manuel de Sousa Pedro

Largo Dr. Bernardo Lopes

Um trecho de bom humor...

Um caso único em futebol!!!

pelo primeira vez na história de uma taça PERDERAM OS DOIS...

(Continuação da 1.ª página)

furto... bola, atira-a para o outro meio terreno.

O ataque dos «Mineiros» está a jogar um futebol desconcertante... O ponta direita passa para a esquerda; o ponta esquerda passa para a direita: os interiores avançam em pontos de «Miura», e o avançado-centro já não tem vaga na linha da frente! Tem de ficar nas segundas filas, sem ver a baliza, atrasado e fora dos eixos.

Vai ser marcado um canto. Toda a «torcida» dos «Mineiros» canta em coro. É a esperança no primeiro golo. Martelo atira, a bola parte... mas fica inteira nas mãos de Tótó, que bate, sem dó, a progredir na área, e vai distribui-la, em partes iguais, pelo seu ataque...

A bola não pode mais, e começa a queixar-se de dores horríveis nos gemos de baixo. Porém, o árbitro, val-lhe dizendo: — «Isso passa, «rapariga»...

Ainda há quem diga que em Portugal não se joga nada... Mentira, tudo mentira! Está-se a jogar tanto, tanto, que em vinte minutos os jogadores já suam por todos os lados...

Nova avançada nos «Mineiros»... Vagoneta, destravado, parte, em grande velocidade, fazendo-se à baliza de Pirolito; quatro defensas, em sistema «Yale»; um «groom», para levar ordens do treinador, e 19 avançados, aproveitando a oportunidade para lançar uma remessa de «juniors». O sistema de «cadeado», imposto à baliza, está a dar um resultado, pois os adversários não acertam com o segredo...

Golo dos «Mineiros»... Ainda não se sabe quem meteu... Estão 29 pessoas nas malhas de Tótó! Quatro guarda-redes batidos, seis defensas caídos, 9 atacantes que remataram e dez pessoas que saltaram ao campo, com o entusiasmo. O árbitro aponta o centro do terreno, mas a bola não aparece... Ninguém se acusa. O árbitro, que é um senhor muito desconfiado, chama a polícia. Mais seis policiais dentro das redes! Interrogatório. A defesa está comprometidíssima e vai ser acariciada. Entretanto, o sr. Faneca dispensa os atacantes, de serem ouvidos, e manda-os para o meio campo. Por fim, a bola aparece. Estava espalmado debaixo de tanta gente, a gerir. O árbitro manda-a para o centro em jeito de lançamento de disco... A bola toma ar, no ar, e apesar de ficar um pouco estrábica, propõe-se a conti-

nuar.

Com um golo no papo e outro no saco, as equipas fazem greve. Vão para a tática do: «daqui não saio, daqui ninguém me tira» cantada em Lusitano... Ai grandes áreas estão à cumha de jogadores recuados. No centro, uma clariceira, a lembrar o Terreiro do Paço, apenas com o árbitro a armar em «cavalo de D. José»...

O árbitro apita, apita outra vez — farta-se de apitar e ninguém sai das suas zonas defensivas. Volta a apitar, e como os grupos não se dão ao jogo, resolve derrotar as 2 equipas. E assim pela primeira vez na história do futebol perderam os dois ao mesmo tempo...

Faro, 3 - VI - 1957

António Augusto Santos

SINGER*

Temos a honra de convidar o

Ex.º Público a assistir

no próximo dia 24,

pelas 15 horas, à festa

de encerramento do

CURSO DE COSTURA PARA CRIANÇAS

Folhas de Férias

Impressos em modelo exigido
por Lei, vendem-se na

Gráfica Louletana

LOULE

A televisão
E EU...

(Continuação da 1.ª página)

primeira supracitada são os de 750 escudos mensais e têm quatro divisões: sala de jantar-cozinha; um metro de corredor; uma casa de banho; e um quarto com 95x50 cm.. Os da segunda, isto é, os tais com água fria, são de 550 escudos mensais, igualmente com quatro divisões: sala de jantar (com um igual desvão que serve de cozinha...); meio metro (mal medido) de corredor; casa de banho com 0,35 cm.; e um quarto (contando já com a mobília) com 55x20 cm..

Os nubentes casam-se, é certo, mas têm de recorrer a uma junta de inspecção para poderem entrar no oásis (e quem terá o desplante de duvidar que, apesar de tudo, tais galinheiros não sejam um oásis?!). E os fabricantes de mobiliários? Bom, é progresso é progresso; e há que caminhar com ele lado a lado. E desse modo, a coisa foi já resolvida; têm um empregado permanente junto dos arquitectos, empreiteiros, etc., para que lhe seja possível rectificar, de hora para hora, as medidas exactas e o estilo do mobiliário mais apropriado para estes descobertos galinheiros.

Já se não vêm as tais mobiliários, e o amigo tele-espetador recorda-se de as ver em catálogos, estílo D. João IV, D. Pedro V, século XVI, etc., mas sim uma infinidade de novos e moderníssimos estilos, deliberados à base da arte (?) abstrata, tais como: o modelo caixa de fósforos; pauta; folha de couve; o estílo Picasso, Dali, etc.

(Gostaríamos de explicar e, vá lá, definir tais mobiliários, mas tal como acontece na arte moderna só para ver e não para compreender...).

... Para tudo isto, cada vez há mais casamentos. Há os casamentos em 3-D que não saem da casa dos sogros nem a martelo. Lá fazem a bôda, a vida, e têm muitos meninos... cuja ama-gratuita (a tal sogra mal vista por todos) criou os seus filhos e étura os dos outros; e lá morrem, coitadinhos, sem nunca terem pago a renda, a água, e a luz...

Os outros, os que vendem postas de pescada impróprias para o consumo, são os casamentos em Cinemascópio e que habitam nos tais galinheiros... para botarem figura. Nós sabemos que para festejar um aniversário, o baptizado do menino, e mais outras reuniões congêneres, o galinheiro não tem condições (nem espaço...) para tanta gente, e vai daí, qual a sequência seguinte? A cena desdobra-se (salientemos nessa afirmação o Scópio...) e fazem-se as festas e recebem-se as visitas na casa dos sogros! E para que servir?, neste caso, o galinheiro? Ora, para figurar nos cartões de visita! Pois claro! ... Estão a topar a coisa?!

DE UMA CARTA...

«Maria: Arrecebi a tua carta e aqui estou a te responder. Maria estimo que ao arrecoberes esta Deus te encontre da saúde pois eu cá vou ficando com uma dor das costas assim a modos cunha picada que não me larga há que tempos. Maria conrespeito aquilo da tua carta pesso-te para não dares conversa a esse gajo que eu quando for partilhá-la a cara com uma má e pesso-te para me dizeres se ele te continua a seguir quando vais à rua a mais a tua senhora. Maria conrespeito ao quartel cada vez estou mais aburrido e cada vez ganho menos e paço as noites a gritar à lerta mas gosto muito do rancho pois intê estou mais gordão e o pão parece igual à quele que a ti Esmeralda cosia na fornada do meio dia. Maria, vou pedir ao sargento uma semana de licença para ir-te ver e partir a cara a esse tipo queu cá não sou para brincar. Maria vou terminar esta pois hoje faço a fascina à cavaleira e amanhã faço o pelotão à caserna e depois vou intê a casa da minha tia e lá coumo o queula me dar. Maria não ligues para esse tipo queu lá indo logo falo para elas e nós os dois vamos pacear. Adeus, adeus e pede à menina da tua patrícia para arresponder a esta carta queu quando fôr agrado, adeus, adeus e arrecebe soudades do teu Manuel.

Agora frequento a escola do quartel e já parece um dôtor a escrever, adeus, minha querida Maria».

A ANEDOTA DA SEMANA

— Tens afi vinte escudos?
— Não...
— E em tua casa?
— Todos bons, muito obrigado!

Emilio Valongo

A Voz de Loulé

MINHA TERRA

Por três cabeças espreitadas
estende-se ameus pés...
raízes de fogo creadas
na terra onde nasci

Ritmos exigentes
ardidos em folhas de árvores
num movimento de imagens...
...e nos corgos
alem no alto
abrem-se vertentes quebradas
em montanhas verticais

Terra minha
minha amada!

Santa Luzia
minha amada!
das tardes inteiras de meninos
que partem dos grandes largos
para as lutas cerradas

Cabeça de Mestre vem jogada
em múltiplas simpatias
e os trabalhadores cantarão a terra
onde me quero dissolver
porque o meu corpo é formado
pela terra que desejo ser

Campos da Goldra
Cruz d'Assumada
estendidos para além da vila...
Oh gente da minha terra
cheia de acolhimento
olhai a vivacidade das águas
no contraste do tempo!

Além
Cabeça de Câmara lançada em duas ondulações!
Montes que se erguem da terra
como os seios saem do peito...

Terra minha
minha amada
que em meu peito se gravou

Por três cabeças espreitado
me dissolvo e decomponho
a devolver-me à terra que sou.

COSTA MENDES

AGÊNCIA PENINSULAR de VIAGENS E TURISMO

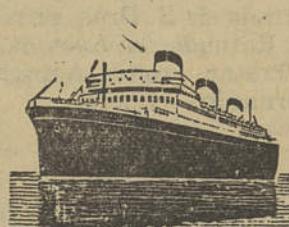
Rua Conselheiro Bivar, 58 — Telefone 216 — FARO

Passagens Aéreas, Marítimas e Terrestres para todos os Países do

Europa, África, Américas
do Norte, Sul e Central,

aos preços oficiais de todas
as Companhias.

Obtenção de passaportes
e vistos Consulares



Quando V. Ex.^a
pretender comprar

Livros, Revistas, Artigos es-
colares, T. S. F. e T. V., Má-
quinas de escrever, Cande-
rios eléctricos e outros artigos
de novidade,

CONSULTE SEMPRE o
Centro Comercial de Re-
presentações e Informações

Rua da Carreira, n.º 5
LOULE — Telef. 277
onde compra com grandes
facilidades de pagamento.

Lenna de azinjo

Vendem-se 1.200 arrobas de le-
nha de azinheiro, na Herdade de
Estraga Mantens, próximo de Va-
le da Rosa (Barranco do Velho).
Tratar com: M. M. Pires —
Ameixial — Algarve.

ARMAZÉM

Aluga-se um armazém na
Avenida José da Costa Mealha, 4.

Mário C. Drago

SERVIÇOS MÉDICOS A QUALQUER HORA

Consultório e residência:

Avenida José da Costa Mealha, 34

LOULE

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 156 — 15 - 12 - 1957

Tribunal Judicial Comarca de LOULE

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 2.ª secção da Secretaria Judicial desta comarca correm editos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado João Martins Rodrigues, casado, comerciante, residente nesta vila de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença que contra aquele e Américo Rosario Noivo move o Banco Lisboa & Açores.

A fim de assistir à tradicional festa de homenagem dos empregados do Banco Nacional Ultramarino, seguiram para Lisboa, em representação do departamento desta Vila, o nosso prezado colaborador sr. Raúl Rafael Pinto, digno Gerente, e o sr. Mário Cabrita Guerreiro.

Aqui se juntaram com os funcionários que de Silves vão representar a Agência daquela cidade, cuja gerência está a cargo do sr. João Carneiro Jacinto, que durante muitos anos exerceu o lugar de Chefe de Serviços na Filial do mesmo Banco, em Faro.

x-x-x-x-x-x-x-x

Cine-Clube de Espinho

E com grande satisfação que acusamos a recepção de mais 3 programas do Cine-Clube de Espinho, referentes à exibição dos filmes «O pão nosso de cada dia» de De Santis, «A morte de um Caixeiro-viajante» de Lazlo Benedek e «A Intrusa» de Alberto Lattuada.

Porque já conhecemos todas estas películas, bem como todas as apresentadas anteriormente, podemos elogiar o Cine-Clube de Espinho pela escolha dos filmes apresentados. Além disso, os programas são também excelentes, o que dá ambiente a um Cine-Clube (de jovens se não erramos — essencialmente). Os nossos agradecimentos.

OFERECE-SE

Um lindo candeeiro ele-
trico de cabeciera a quem
comprar um ferro electrico
de engomar durante o mês
d. Dezembro.

Um brinde de Boas Festas
da casa de

JOSÉ GUERREIRO
MARTINS RAMOS

Rua de Portugal, 31

LOULE

Com larga presença de sócios,
teve lugar no passado dia 6 a
Assembleia Geral, em primeira
reunião, sob a presidência do sr.
Torres Vieira, para a eleição dos
corpos gerentes desta prestigiosa
Associação, para o exercício de
1958.

DIRECÇÃO

Presidente — Dr. Leonel Rosa
dos Santos Agostinho, Funcionário
Corporativo.

Secretário — Victor Emmanuel
Belela, Empregado Bancário.

Tesoureiro — António Palmeira,
Comerciante e proprietário.

Vogal — António José do Par-
trocínio, Oficial dos CTT.

Vogal — Francisco Daniel
Contabilista.

E de salientar o facto de nos
últimos anos as Assembleias Ge-
rais, ordinárias, funcionarem na
primeira reunião, o que demonstra
bem o interesse que os sócios
dispensam à vida da sua Associação,
uma das mais prósperas do País.

NOVOS LIVROS

O NOSSO LAR

Jaime Lúcio, com nada menos
do que oito livros publicados, acaba
de nos enviar o seu último li-
vro, O NOSSO LAR, quadras.
Trata-se de um volume com um
excelente aspecto gráfico, com-
posto por três partes, quadras
sempre: O nosso lar, Mês de Ju-
nho mês dos Santos e Ao Serão.

Sempre que lemos um livro de
quadras lembramo-nos desses
poetas algarvios que tão bem
dominaram o género, António Aleixo e Bernardo de Passos, o
primeiro especialmente, devido à
intuição que se sente nas suas ri-
mas tão belas. Em Jaime Lúcio,
embora por vezes encontrarmos
algumas peças de belo efeito,
nem sempre a quadra é tracada
com aquela espontaneidade e so-
briedade que o género necessita
mas, nem por isso, o valor da sua
poesia é diminuído. Lembra-nos,
sim, esse também exímio artifice
da quadra que é Alberto Marques
da Silva. Mas essa coisa dos
«momentos altos e momentos
menores» é até uma das constantes
dos grandes poetas, dos ver-
dadeiros poetas...

O NOSSO LAR é um livrinho
de quadras que se ramifica por
vários temas, estando bem definida
a linha entre o bem e o mal
que os autores do género seguem.
Geralmente, quando se escreve
uma quadra, é com aquele intuito
antigo de cantar como quem
aconselha, de cantar como quem
adverte ou enaltece, como quem
ama e deseja que se ame, o bem.
Assim encontramos quadras so-
bre a harmonia do lar, sobre o
respeito e carinho que devemos
aos menos felizes, sobre a maldade
e incompreensão dos homens.
E, sobretudo, uma boa coleção
de quadras sobre o amor, o eterno
tema...

Transcrevemos algumas das
quadras de Jaime Lúcio, precisa-
mente as que consideramos mais
belas:

Dois corações beira a beira
E quatro olhos em brasa
E que formam a lareira
Que agasalha a nossa casa.

Entra na roda, a menina,
P'ra quê são tantas cauetas?
— Todos sabem que és traquina,
Do lenço até às chinelas...

Junto de ti, ao serão,
Só penso numa loucura:
— Fazer do meu coração
O teu césto de costura.

Menina: — sendo solteira,
Tem cauetela a namorar.
Pode apagar-se a fogueira
E o teu noivo não casar.

Na carta da minha amada
Puz um selo de desejos
E, por amor, foi fechada
Num subscrito de beijos.

C. B.

Ginginha e Eduardino

das Portas de Santo Antão
as melhores bebidas do País
Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULE

SCOOTER

Em estado nova, vende-
se. Marca Durkopp Dianna,
2 H. P.

Nesta redacção se in-
forma.

M·A·N DIESEL

FABRICANTES DO 1.º MOTOR
DIESEL

TRACTORES

A MAIOR MARCA MUNDIAL

TRACÇÃO ÀS 4 RODAS

PARA TODOS OS TERRENOS
EM EXPOSIÇÃO:

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 3
TELEFONES: 59979 (7 linhas) — LISBOA

Filiais: PORTO — Rua Santo Ildefonso, 533
ÉVORA — Rua Serpa Pinto, 43

M·A·N DIESEL

MODELOS ESPECIAIS PARA TODOS OS FINS

AGRICOLAS — INDUSTRIALIS

POTÊNCIAS: 29 - 40 - 50 HP

PESOS BRUTOS REBOCAVEIS: 17-20-30 TON.

Todos com levantamento Hidráulico. Equipa-
mento completo, incluindo iluminação, tambores,
dispositivo de reboque.

MOTOR BEBE TUDO

ESCLARECIMENTOS E DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS